

FMC
14 ABR 1995

Os males dos improvisos

ESTADO DE SÃO PAULO

O presidente da República falou de improviso, durante 38 minutos, na abertura do seminário Concessões e Serviços Públicos no Brasil. Todos já se vão acostumando à idéia de que há um presidente que lê e outro que, sem o texto que redigiu, vai mais longe do que seria de esperar. Em mais de uma oportunidade, em seu pronunciamento de quinta-feira — S. Exa. já falara na quarta-feira —, o sr. Fernando Henrique Cardoso afirmou que falta disposição ao Congresso para aprovar as propostas encaminhadas pelo Poder Executivo, no propósito de promover modificações na Constituição. Investindo contra o Legislativo, S. Exa. declarou: “Um poder que não se assume não é poder. Que assuma. Estou pedindo ao Congresso que assuma a responsabilidade histórica de

ajudar o Brasil a dar um salto”. Depois, abrandando um pouco o tom de censura, fez saber: “Eu creio que o Congresso é sensível a isso. Não pode decepcionar milhões de brasileiros que confiam, como eu confio, no Congresso Nacional. Eu vim de lá”.

A resposta foi imediata, dada pelo presidente do Senado. Para o sr. José Sarney (PMDB-AP), o ritmo das votações no Legislativo está bom, os projetos regulares em dia e as emendas constitucionais correndo nos prazos regimentais: “Tudo tramita dentro dos prazos normais”. Eis o que não se pode negar...

É possível que o presidente da República esteja a par de informações, segundo as quais a flexibilização dos monopólios, expressão que significa a exposição deles à concorrência (o que já é alguma coisa), tal como a vêm

os parlamentares, não coincide necessariamente com o conceito que dela faz o governo? Pesquisa recente, que envolveu respostas de 152 deputados, ouvidos como os mais influentes na Casa a que pertencem, revelou que para a maioria dos legisladores flexibilizar é dar às estatais o poder de escolher as concessionárias que atuarão na concorrência mencionada. Ora, para o governo, flexibilizar é deixar tal poder nas mãos dele.

O certo é que um clima de confronto, que se prenuncia desde o improviso em Pernambuco, levará a nada, no que se refere às reformas. Atritando-se com um nú-

mero crescentê de deputados e senadores, o presidente da República muito dificilmente obterá o quórum de três quintos necessário para aprovar as reformas. O discurso que proferiu foi considerado o mais duro recado que deu ao Legislativo, desde que tomou posse. “Mexemos com o sentido da responsabilidade”, disse S. Exa., como se chamasse à ordem os titulares do mandato eletivo na Câmara e no Senado. O fato é que, agora, tudo depende deles, que cumpre persuadir.

Quanto mais o chefe do governo improvisar, só afastará possíveis aliados, que se deixarão influenciar pelo espírito de corpo do Congresso Nacional.

O último improviso do presidente da República contém um duro recado ao Congresso